

Barreto, L. C. & Prado, M. A. M. Identidade das prostitutas em belo horizonte: as representações, as regras e os espaços

## **Identidade das Prostitutas em Belo Horizonte: as Representações, as Regras e os Espaços**

### **Identity of Prostitutes in Belo Horizonte: Representations, Rules, and Spaces**

Letícia Cardoso Barreto<sup>1</sup>

Marco Aurélio Máximo Prado<sup>2</sup>

#### **Resumo**

A prostituição é uma atividade marcada pela diversidade de locais, práticas, regras e atores, gerando limites e possibilidades diferentes para a construção da identidade de mulheres prostitutas. O artigo tem como objetivo caracterizar a prostituição em alguns pontos da cidade de Belo Horizonte e discutir como a inserção nesses espaços e nessa atividade interfere na formação da identidade das prostitutas. Durante visitas a áreas de prostituição, foram feitas observações e entrevistas informais. Foram feitas 16 entrevistas semi-estruturadas, sendo 5 com prostitutas e 11 com informantes-chave. Observou-se a forma como as representações sobre a prostituição e os espaços ocupados interferem na formação da identidade e também no modo como são tratadas as prostitutas, muitas vezes de formas preconceituosas e violentas. A caracterização da atividade se mostrou fundamental por permitir um olhar menos preconceituoso e estigmatizante.

**Palavras-chave:** prostituição; identidade; representações; preconceito.

#### **Abstract**

Prostitution is an activity marked by a diversity of places, practices, rules, and actors, creating boundaries and different possibilities for the construction of the identity of female prostitutes. The article has as its objective to describe the prostitution in some spots in the city of Belo Horizonte and to discuss how the insertion into these spaces and this activity interferes in the formation of identity of the prostitutes. During visits to areas of prostitution, observations and informal interviews were made. 16 semi-structured interviews were made, 5 with prostitutes and 11 with key informants. We observed how the representations about prostitution and the spaces occupied interfere in the formation of identity and also in the way prostitutes are treated, often with prejudice and violence. The description of the activity proved essential, for it allowed a less biased and stigmatizing view.

**Key words:** prostitution; identity; representations; prejudice.

---

<sup>1</sup> Mestre em psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Endereço eletrônico: [leticiacondosbarreto@gmail.com](mailto:leticiacondosbarreto@gmail.com).

<sup>2</sup> Professor do departamento de psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Endereço para correspondência: Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Avenida Antônio Carlos, 6627, sala 4020, Pampulha, Belo Horizonte, MG, CEP: 31275-901. Endereço eletrônico: [npp@fafich.ufmg.br](mailto:npp@fafich.ufmg.br)

## Introdução

A prostituição tida, no senso comum, como a troca de sexo por dinheiro, contudo essa ocupação é muito diversa podendo abranger a sedução do cliente, a negociação do preservativo e a representação de papéis (MTE, 2008) e não incluir o sexo. É marcada pela heterogeneidade de locais de trabalho (ruas, boates, rodovias), de tipo de ambiente (aberto, fechado) e dos riscos (intempéries, violência) (MTE, 2008). Deste modo, as palavras prostituição e prostituta, antes de traduzirem uma realidade única, dizem respeito a um grande número de práticas, de significados, de identidades. Essa heterogeneidade é fruto, principalmente, da ilegalidade das atividades que cercam a ocupação, como o rufianismo e possuir casa de prostituição (MS, 2002), impedindo o estabelecimento de leis que regulamentem a ocupação.

A ausência de regulamentação leva também a uma desvalorização das prostitutas e a uma dificuldade de inserção social das mesmas (Juliano, 2004), além de dificultar o acesso a direitos humanos (Doezema, 1998). Assim, alguns dos problemas que enfrentam, como violência e exploração, muitas vezes são fruto não da ocupação em si, mas da forma como é vista legalmente, sendo excluída das legislações laborais que abrangem as demais atividades (Wijers, 2004; Bindman, 2004).

Neste artigo pretendemos discutir a formação da identidade entre as prostitutas<sup>3</sup> de Belo Horizonte, considerando que a identidade, conforme proposto por Jacques (2008), é uma representação de si construída na relação do indivíduo com o contexto sócio histórico, que delimita as possibilidades e impossibilidades desta. É fruto da articulação entre uma identidade pressuposta (como as representações sociais de quem são as prostitutas), das relações em que o sujeito se envolve concretamente (como com os clientes) e das ações deste, sendo que o indivíduo é visto como determinado e determinante desse processo. Weeks (1995) afirma ainda que a identidade é moldada por influências diversas, como as econômicas, culturais e sociais, que fazem exigências diferentes e por vezes conflitantes, em

um processo contínuo. Consideramos que a diversidade de configurações da ocupação e de visões sobre esta interferem de formas diferentes na formação identitária destas mulheres. Assim, se pretendemos entender a identidade da prostituta, precisamos entender antes como esta atividade se organiza, quais as regras e normas que a perpassam, quem são seus personagens, entre outros.

Segundo Silva (2002), espaço físico atua na diferenciação entre os diversos moradores da cidade, permitindo sentimentos de pertencimento e de exclusão, que vão gerar múltiplos significados, fundamentais à representação de si, sendo fundamental compreender a maneira como os cidadãos se apropriam do ambiente urbano, organizam suas experiências, dão sentido e atuam. Neste sentido, observamos que a prostituição possui características variáveis e se insere de modos muito díspares nas cidades e áreas destas, se tornando importante verificar a forma como isso ocorre em diferentes locais.

As identidades, muitas vezes são tidas como naturais e estáveis, mas na verdade são impostas e estão em constante disputa em um processo em que nem todos possuem acesso aos recursos definidores destas, uma vez que são perpassadas pelas relações de poder (Mayorga, 2007). De acordo com Castro (1992), categorias sociais como a raça, a classe, a geração e o gênero são organizadas por sistemas de privilégios próprios que organizam hierarquias e desigualdades. Contudo, passam por processos de naturalização que dificultam o reconhecimento das lógicas atuantes. Para a autora, esses sistemas se entrelaçam, o que seria a alquimia das categorias sociais, levando a produtos heterogêneos, que possuem especificidades que não estavam presentes em cada um dos modelos. A naturalização é responsável pelo impedimento de que as hierarquias sociais sejam localizadas e que relações mais democráticas sejam estabelecidas (Mouffe, 1988).

Consideramos que a prostituição é uma atividade marcada por diversidades de lugares, pessoas, espaços, regras, representações entre outros. Cada um destes aspectos interfere de uma forma diferente na identidade e os aspectos se articulam de modo a influir de modo diverso sobre esta. Neste artigo, pretendemos fazer uma discussão sobre a forma como algumas destas questões, como as visões estereotipadas e os espaços, interferem na formação da identidade das mulheres que se prostituem.

<sup>3</sup> Existem inúmeras discussões sobre o termo adequado para se referir a esta ocupação e às pessoas que a desempenham. Neste artigo, optamos pelo uso da palavra prostituta, uma vez que focamos nas mulheres que se prostituem. Contudo concordamos com Kempadoo (1998) que esta ocupação deve ser vista não como uma identidade, uma característica social ou psicológica, mas como atividade rentável ou forma de trabalho tanto para homens quanto para mulheres.

## Objetivos

O presente artigo é fruto de uma pesquisa de mestrado<sup>4</sup> que teve como objetivo compreender diferentes formas de hierarquização social e os modos como têm sido politizadas e enfrentadas por prostitutas. Neste artigo pretendemos fazer uma caracterização da prostituição em alguns pontos da cidade de Belo Horizonte e discutir como a inserção nestes espaços e nesta atividade interfere na identidade das prostitutas.

## Métodos

Foram feitas visitas a áreas de prostituição em Belo Horizonte durante as quais foram realizadas observação e conversas informais buscando informações principalmente sobre a forma de organização (preço, horários, regras) e a relação com clientes e donos ou agenciadores. Devido à dificuldade de localizar os hotéis de prostituição, optou-se por fazer um mapeamento desta área, com o objetivo de verificar quantos são e onde estão. O mapa apresentado aqui mostra a localização dos hotéis em funcionamento em agosto de 2008.

As entrevistas semi-estruturadas, que permitem que o entrevistador se deixe surpreender, acompanhando o entrevistado em seu percurso (Mendes, 2003), ocorreram em diversos momentos e com objetivos diferentes. Os entrevistados foram escolhidos deliberadamente e foram criados e utilizados diferentes roteiros, de acordo com o entrevistado e sua inserção institucional e com os objetivos em cada momento. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas, visando facilitar o manuseio e conservar melhor o material (Queiroz, 1991). Foram feitas no total 16 entrevistas, divididas em dois tipos: 11 com informantes-chave (Blee & Taylor, 2002) e 5 com prostitutas de Belo Horizonte.

### A prostituição em Belo Horizonte

Com o objetivo de conhecer uma diversidade de formas de prostituição existentes na cidade de Belo Horizonte, fizemos visitas às seguintes áreas de prostituição: Avenida Afonso Pena, Praça Rio

Branco, hotéis das ruas Guaicurus e São Paulo, boates do Barro Preto e da região central. Não objetivamos aqui abordar todas as formas de prostituição que acontecem na cidade e nem esgotar as variações existentes em cada local, mas trazer um recorte dessa realidade, mostrando e discutindo características de cada uma das áreas visitadas.

#### *Prostituição em boates*

Foram feitas visitas a boates da região central e do Barro Preto, sendo necessário destacar que existem vários outros tipos de boates em Belo Horizonte. Na região do Barro Preto, visitamos duas boates cujas características são bastante parecidas. Ambas funcionam de segunda a sábado, das 22 às 5 horas, e o valor do programa, R\$ 100 por meia hora e R\$ 130 por uma hora, é pago à casa, que desconta 30 reais por programa pelo uso do quarto. Para realizar o programa em outro local, o cliente paga 80 reais à casa. Nas casas, às vezes tem até 15 mulheres, não havendo travestis, que atendem cerca de cinco clientes por noite. Algumas moram na boate, onde os quartos têm condições precárias, com as paredes descascando, sem banheiro, sem lençol na cama. As entrevistadas afirmam gostar do local de trabalho e se sentir seguras e respeitadas.

A boate visitada na região central possui inúmeras mesas e, afora a iluminação fraca e a presença de espelhos nas paredes, parece um restaurante, sendo que as poucas prostitutas presentes no momento estavam sentadas em uma mesma mesa. O preço pago por programa é de R\$ 90 por meia hora ou R\$ 120 por uma hora, sendo 20 reais relativos ao aluguel do quarto. O preço para levar a prostituta para fazer o programa fora da boate é de 22 reais, mas esses casos são menos frequentes. A principal reclamação das prostitutas é a obrigatoriedade de consumir, uma vez que devem tomar com o cliente pelo menos uma bebida (que pode ser sem álcool) na mesa antes de fazer o programa, e sobre o valor desta recebem 3 ou 5%.

#### *A praça da rodoviária (Praça Rio Branco)*

A praça da rodoviária se encontra próxima ao hotel Rio Branco, indicado pelo número 13 no mapa que está no item sobre prostituição nos hotéis, e nela a prostituição ocorre principalmente durante o dia, quando o movimento é maior e a área é mais segura. Muitas mulheres afirmam que gostam de “fazer ponto” nesta região por não serem diretamente identificadas como prostitutas. Esse fato é proporcionado não só pela grande circulação

<sup>4</sup> Este artigo possui trechos da dissertação de mestrado “Prostituição, gênero e sexualidade: hierarquias sociais e enfrentamentos no contexto de Belo Horizonte”, defendida por Leticia Cardoso Barreto e orientada por Marco Aurélio Máximo Prado, que se encontra disponível no site do Núcleo de Psicologia Política (<http://www.fafich.ufmg.br/npp/index.php/dissertacoes>).

de pessoas, mas também pelas roupas não decotadas, e pelo fato de algumas serem mais velhas (50 ou 60 anos), o que não condiz com o estereótipo da prostituta. Os clientes ficam sentados em pequenos grupos, o que também dificulta a sua identificação por olhos pouco treinados. Após as negociações de preço e práticas, que são bastante variáveis, o programa é realizado em algum motel próximo. O fato de não terem horário fixo e nem pagarem pelo ponto faz com que as prostitutas declarem se sentir mais livres em relação a outros locais de prostituição.

#### *A Avenida Afonso Pena*

Na Avenida Afonso Pena, as mulheres e travestis ficam paradas, sozinhas ou em pequenos grupos, e são abordadas pelos clientes, que costumam estar de carro. O programa é negociado do lado de fora do carro e depois se encaminham para alguma rua mais deserta (em que o programa é feito no carro) ou para algum motel. A avenida é grande e existem pontos em quase toda sua extensão, sendo que mulheres e travestis não costumam ocupar os mesmos espaços. Algumas afirmam ter que pagar pelo ponto, principalmente “as novatas”, outras pagam a um cafetão que lhes oferece segurança, outras declaram não pagar nada. As mulheres fazem cerca de 10 programas por dia e as variações no preço do programa são pequenas, sendo em geral R\$ 20 o sexo oral, R\$ 30 no carro e R\$ 50 no motel, podendo haver negociações quanto a preço, práticas e tempo. O preço cobrado pelas travestis é mais variado. Em geral, são mulheres jovens e algumas são estudantes. Existem muitas variações quanto ao tipo de vestuário, o que pode dificultar a identificação.

Começam a chegar quando anoitece, por volta de sete e meia ou oito horas, mas a maioria chega ao local aproximadamente às dez horas e permanecem até de madrugada. A prostituição ocorre durante todos os dias, mas o movimento maior é durante os fins de semana e a madrugada. Por trabalharem em via pública, algumas têm uma preocupação com a vizinhança, buscando fazer pouco barulho e respeitar o espaço dos outros. Contudo, muitas vezes se sentem desrespeitadas no seu local de trabalho, sendo constantes as agressões físicas e verbais por parte dos “boyzinhos”, que são jovens das classes mais altas. Apesar da alta frequência com que ocorrem essas agressões, as prostitutas não possuem respaldo da polícia ou de nenhum grupo, sendo necessário o uso de diferentes estratégias.

*Carla: Gritaria, chega, fica fazendo arruaça, aquele tanto de moto, então você tem que ficar muito atenta. Pode até jogar água. É extintor, é ovo, é água, então você tem que ficar atenta. Você nunca pode ir no carro se você vê que tem dois, três. Você não pode ficar próxima, você tem que ficar em cima do meio fio. Já tem que dar uma afastada, pra não correr o risco. Isso tem muito. O povo passa é para agredir mesmo. É bater, é jogar garrafa, é jogar não sei o quê, então a gente tem que ficar atento com os carros que passam na rua.*

Afirmam que a principal vantagem deste local é que não têm obrigatoriedade de ir todo dia e reclamam das agressões que sofrem e da ausência de proteção.

#### *A prostituição em hotéis*

A região da Guaicurus era anteriormente um pólo industrial, mas foi desvalorizada devido a inundações e a alterações no crescimento da cidade (Braga, 2007), o que levou, na década de 50, à instalação das “casas de tolerância”. Apesar de o Brasil ser signatário do Tratado Abolicionista Internacional (MS, 2002), essa ação possui traços que remetem ao modelo regulamentarista, o qual considera que a prostituição pode ser realizada apenas sob determinadas condições. De acordo com Wijers (2004), este modelo considera a prostituição como reprovável moralmente, mas, ao mesmo tempo, como impossível de ser erradicada, é um “mal necessário”, sendo preciso proteger a sociedade. Cria-se um paradoxo: existem ações direcionadas a este grupo, mas estas não têm como objetivo o seu bem, mas a sua invisibilização. De acordo com Engel (1989), a regulamentação, muitas vezes, visava converter a prostituição em espaço útil e higienizado. A institucionalização do bordel tornaria possível a fiscalização e restringiria o contato das prostitutas com o resto da população, delimitando os espaços da normalidade e da anormalidade, da saúde e da doença (Engel, 1989). Segundo Rago (1985), os bordéis e casas de tolerância deveriam ser lugares higiênicos, onde a prostituta poderia cumprir seus deveres profissionais, mas sem gostar da atividade sexual ou sentir prazer.

Os hotéis prostituição de Belo Horizonte são emblemáticos deste processo e, até os dias atuais, a área central é marcada pela sua existência, como indicado no mapa abaixo. No caso de Belo Horizonte, a presença dos hotéis garante que a “pouca vergonha” fique escondida do público, embora todos reconheçam a sua existência, atraindo também os clientes e movimentando o comércio local.

Barreto, L. C. & Prado, M. A. M. Identidade das prostitutas em belo horizonte: as representações, as regras e os espaços

São localizados em construções de três andares, sendo que o primeiro é ocupado por algum comércio, que pode ou não estar vinculado ao mercado do sexo, e nos outros dois ocorre a prostituição, com uma entrada independente. Os hotéis não cobram pela entrada dos clientes, sendo que os porteiros têm a tarefa de barrar os menores de idade. Muitos não possuem placas de identificação e só é possível visualizar uma porta, um porteiro e uma escada bastante íngreme. No alto das escadas encontram-se corredores longos e

repletos de portas. Alguns hotéis têm banheiros coletivos, outros possuem banheiro, vaso sanitário ou bacia plástica nos quartos. A iluminação em geral é fraca ou feita por luzes coloridas. Como as entradas são pequenas e o movimento na rua é grande, os clientes, assim que deixam os hotéis, se confundem com os transeuntes, tornando-se invisíveis. As prostitutas que chegam ao local de trabalho ou que deixam o mesmo também se confundem com as pessoas que apenas passam pelo local.



Os horários e regras de funcionamento são variáveis, mas existem pontos comuns. As prostitutas alugam o quarto por um ou dois turnos (de 6 ou 8 horas), pelo qual pagam a “diária” e neste período podem permanecer no quarto, onde esperam pelos clientes. O preço da diária varia bastante, de acordo com o hotel, o turno e o andar. Em geral, o valor pago pelo turno que vai até por volta de 16 horas é mais alto e o preço do quarto no primeiro andar é mais elevado do que no segundo. No hotel Nova América, a diária do quarto no primeiro andar é 35 reais durante o dia e 30 à noite. No segundo, é 30 reais de dia e 25 à noite. Pagam também pelos lençóis, preservativos, papel higiênico e aparelho de som, não incluídos no preço da diária. Muitas reclamam do preço da diária, das condições do hotel e também da falta de iniciativa e união das prostitutas para mudar esta situação.

Os clientes circulam pelos corredores até escolherem uma prostituta ou vão apenas olhar. Quando se interessam por alguma, conversam com ela e negociam o preço do programa e as práticas a serem realizadas. Em geral, cobram um preço, normalmente entre 7 e 15 reais, pelo “completo” que inclui “três posições e uma chupada” e dura cerca de 15 minutos. Contudo, muitas vezes, após essa combinação inicial, podem renegociar as práticas e preços dentro do quarto. O sadomasoquismo, o trabalho com consolo, o sexo anal e fantasias costumam ser mais bem pagos. Algumas destacam ainda que os “clientes fixos” às vezes pagam mais do que o preço normal.

*Cláudia: A abordagem? Vou chamando. Dedinho, né? Vou guiando ele aqui dentro do quarto, também fechando a porta e falo: “Ó meu queridinho gostaria de fazer um programa comigo. Fazer um amorzinho, dar uma namoradinha?” [Risos] Quando pergunta o que eu faço. A transa, a “chupadinha” e as posições só. Ou então trabalho também de consolo. Uma coisinha mais fantasiosa, consolo, sadismo também faço. Adoro fazer sadismo. Nossa senhora. É bom demais! Porque o homem é quem tá sofrendo, não é eu. Eu nem ligo. Adoro. Adoro trabalhar de consolo e sadismo. É o meu forte. É o que dá mais no puteiro é isso. Fantasia eu cobro mais. Aí meus clientes fixos são de dez a vinte reais, agora o sadismo é de vinte pra cima.*

Muitas disseram recusar os clientes bêbados ou drogados e práticas como o sexo anal e o sexo sem camisinha. Nestes casos, citam o preço do programa como uma forma de fazer esta recusa, sendo que pedem um preço mais alto, para o cliente desistir. Outras afirmaram que quando não querem fazer um programa apenas dizem isso para o cliente, contudo, este pode ficar irritado.

A grande circulação de clientes permite que as prostitutas consigam fazer muitos programas em um mesmo dia, o que leva a uma possibilidade de receberem um valor significativo pelo dia de trabalho. Como têm que pagar a diária, precisam fazer um número mínimo de programas para começar a obter ganhos, mas, após esse valor, tudo o que receberem é seu. A quantidade média de programas é bastante variável, mas muitas declaram fazer cerca de 13 por dia. Os programas em geral são rápidos e o preço é baixo. Contudo, às vezes fazem programas pelos quais recebem um maior valor, como é o caso do sadismo, o que faz com que com um número menor de programas consigam receber mais.

A maioria declara que vai ao hotel durante o horário de trabalho e depois retorna para casa, o que faz com que algumas consigam esconder de sua família sua ocupação, mas existem outras que trabalham até por volta de meia noite. Existem ainda aquelas, principalmente as que vêm de outras cidade, que moram nos hotéis, sendo que alguns ficam fechados entre as 24 horas e as 8 horas e as mulheres têm que permanecer lá dentro. Várias relatam gostar de ficar no mesmo quarto ou no mesmo hotel. Em casos em que ficam no mesmo quarto e trabalham durante os dois turnos, por vezes os donos cobram pelos dias que não trabalham também, já que os quartos são reservados para elas. Todavia, a maioria das prostitutas afirma não ter que comparecer todos os dias ou avisar nos dias em que for faltar, o que consideram uma grande vantagem em relação a outros trabalhos.

O trabalho no hotel é visto como sendo mais vantajoso do que o nas boates, sendo que muitas declaram se sentir mais livres, não sendo obrigadas a fazer programa com qualquer cliente ou a ingerir bebidas alcoólicas. Além disso, se sentem mais seguras do que nas ruas, pela proximidade com outras mulheres e pela presença dos gerentes e seguranças.

## Discussão

Inicialmente, é necessário afirmar novamente que a prostituição não é algo fácil de ser definido, uma vez que existem muitas variações quanto às práticas, lugares, pessoas, normas entre outros. Quando perguntadas sobre o que é prostituição e ser prostituta, nossas entrevistadas apresentaram uma grande variedade de visões e significados. A prostituição é vista como uma rota de fuga, mas também como um trabalho, um emprego e como forma de oferecer prazer a alguém. A prostituta é aquela que ganha dinheiro fazendo sexo,

oferecendo prazer, mas também é vista como alguém que é “muito mulher”, pela necessidade de ter força e garra. Objetivamos assim discutir aqui pontos fundamentais ao processo desta construção da representação de si, mostrando alguns dos significados e possibilidades identitárias. Para isso, partimos do pressuposto de que a forma de inserção na cidade, o contexto sócio-histórico, as relações de poder (Jacques, 2008; Weeks, 1995; Mayorga, 2007; Silva, 2002) interferem sobremaneira na formação identitária.

Dizer que a prostituição varia de uma cidade para outra, da rua para o bordel ou da mulher para a travesti, não quer apenas dizer que existem especificidades, mas que estas atuam de forma a determinar limites e possibilidades para as identidades, sendo fundamentais à discussão que propomos. De acordo com Freitas (1985) a identidade da prostituta é construída a partir de três dimensões que se articulam, que são delimitadas pelos critérios: físico, moral e afetivo. O critério físico nos permite compreender em que medida a configuração do espaço interfere na identidade destas mulheres. O local em que desempenham a atividade interfere no critério moral, fazendo com que modifiquem os padrões de conduta ou com que optem por se assumir como prostitutas, por exemplo. Interfere ainda no critério afetivo, pois afeta a forma como vão se estabelecer as diferentes relações das prostitutas, uma vez que consideradas como imorais, podem não ser dignas de alguns relacionamentos amorosos. Dessa forma, pretendemos mostrar como alguns desses aspectos se articularam ao longo de nossa pesquisa.

Sobre o critério físico, devemos pensar nas diferenças que encontramos nas cidades e nos diversos locais de prostituição. Os lugares de prostituição, em geral, são lugares públicos em regiões centrais das cidades, embora se encontrem “camuflados”, ao mesmo tempo são reconhecidos pela população e pelo poder público como sendo áreas de prostituição, sendo emblemáticos da relação entre público e privado. Segundo Nogueira (2004), a cidade é uma materialidade que traz escrita em si uma história, de forma que pelas suas imagens e arquitetura é possível observar o que está invisível e o que é explícito. O espaço e sua ocupação são diretamente relacionados às relações sociais e suas configurações, sendo que alguns grupos têm acesso negado a determinadas áreas ou são restritos a lugares específicos. Silva (2002) destaca que o espaço é ocupado também por não-cidadãos oficiais, que são mantidos de fora, fato que marca as diferenças entre os diversos atores e moradores das cidades, de forma que, segundo

Maricato (1996), a segregação espacial é a concretização da exclusão social.

A prostituição, vista como algo negativo, mas necessário, deve ocupar um lugar de invisibilidade dentro das cidades. É comum encontrar as chamadas “zonas de prostituição”, que são áreas específicas onde ocorre esta atividade e onde ela é aceita de algum modo, ou locais (como ruas e praças) que são famosos por ser de prostituição. Em todas as cidades que tivemos contato<sup>5</sup> era possível observar a existência destas áreas, o que é uma forma tanto de segregar as prostitutas quanto de garantir que a “pouca vergonha” fique escondida, evitando sua proximidade com as “pessoas de bem”. Cada cidade tem uma forma própria de lidar com essas questões, sendo que a invisibilidade pode ser conseguida pelas construções fechadas, como é o caso de hotéis e bordéis, pelos estilos de roupas, pelos horários de prostituição, atingindo também as próprias mulheres e seus clientes. Contudo, a invisibilidade não pode ser completa, pois é preciso que saibamos separar as “putas” das “pessoas de bem”, delimitando o que podem ser, onde podem ir, o que podem fazer, marcando claramente os limites e possibilidades de circulação dentro da cidade e também de cada identidade.

Ao andar por lugares onde acontece a prostituição nas ruas, muitas não podem ser diretamente identificadas como prostitutas, uma vez que usam todo tipo de roupas e às vezes ficam apenas sentadas em algum banco esperando ser abordadas. Segundo Freitas (1985), essas mulheres se sentem menos segregadas, por estarem mais próximas das pessoas comuns. Contudo, de acordo com Garaizabal (2004), as que trabalham nas ruas são as mais estigmatizadas, uma vez que o fato de ocuparem de forma visível o espaço público impede que sejam ignoradas, incomodando a “sociedade”. A prostituição é vista como algo que degrada o bairro, trazendo violência e perversão. Neste caso, é preciso definir de que “tipo” de prostituição de rua se está falando. A Avenida Afonso Pena é considerada uma área nobre da cidade e recentemente foram feitas tentativas dos moradores de retirar as prostitutas do local. Já a praça da rodoviária, além de ser menos nobre, não é famosa como de prostituição e há a possibilidade de ocultamento da atividade, o que protege as mulheres e ao mesmo tempo evita reações contrárias.

<sup>5</sup> Durante a pesquisa e a participação no Projeto Sem Vergonha foi possível conhecer áreas de prostituição em outras 6 cidades, o que permitiu uma compreensão mais aprofundada da prostituição e permitiu também a percepção de que esta ocupação adquire características muito diversas em cada local.

No caso do bordel, segundo Freitas (1985), este é marcado por uma segregação, fruto da demarcação de um espaço específico da cidade em que a prostituição ocorre e também pela existência de portas e muros que separam esta área das demais da cidade. Esta segregação gera um sentimento de estar distante da sociedade, vista com base em um ideal de família, sendo que as pessoas “de bem” devem ser protegidas da prostituição. No caso da rua, o contato com os indivíduos comuns gera um sentimento de integração, pois não são o objeto específico da atenção das pessoas, e se sentem “menos putas”. Todavia, as pessoas “de bem” não são protegidas, pela ausência de uma separação física.

As cidades têm também uma forma própria de agir para enfrentar ou controlar a prostituição, como é o caso das tentativas de revitalização. Políticas de uso do espaço urbano distintas fazem com que diferentes cidades tenham os usos dos espaços alterados por projetos de revitalização que se assemelham às idéias higienistas de limpar e controlar a cidade. Silva (1993) afirma que as propostas de intervenção urbana vêm a cidade a partir dos seus problemas e não como espaço de viver coletivo. O que se observa é que não há uma tentativa de valorizar as tradicionais áreas de prostituição através da revitalização, mas escondê-las e levá-las para regiões mais afastadas.

Em Belo Horizonte, as tentativas de mudar o perfil das áreas de prostituição têm estado presentes em diferentes momentos históricos. As discussões sobre a revitalização da área central da cidade começaram a ocorrer em 2003. Apesar de, nesse período, os projetos de revitalização não incluírem ações específicas na região da Rua Guaicurus, ocorreram batidas policiais, cassação de alvarás de funcionamento e fechamento de hotéis de prostituição, em alguns momentos as prostitutas foram levadas pela polícia ou foram obrigadas a descer dos hotéis em seus trajes íntimos, sem poderem, ao menos, pegar os seus pertences.

No ano de 2007 começaram a aparecer projetos para revitalizar a região da Rua Guaicurus. O Plano de Reabilitação do Hipercentro (Diário Oficial do Município, 2007) considera a área como de grande potencial, devido aos inúmeros imóveis que podem ser demolidos, e a vocação da região seria a utilização para negócios, hotéis, espaços para eventos e grandes prédios (Paixão, 2007). Afirma-se (DOM, 2007) que é almejada a promoção da diversidade de usos e o incentivo à ocupação residencial, diminuindo o estigma da área, vista como de prostituição e de atividades marginais. É interessante que declaram buscar a redução do

estigma da área e não uma alteração da forma como a prostituição é vista. Nesse sentido, transfere-se a atividade para outro local onde não atrapalhe os projetos urbanísticos, mas que continue sendo inferiorizada e invisibilizada. Ademais, se fala em revitalização, mas a área é extremamente movimentada e cheia de vida, o que se pretende é que seja ocupada por outros setores da sociedade, mesmo que, para tal, seja necessária a retirada dos atuais ocupantes. Silva (1993) destaca que essa preocupação com as pessoas e os encontros acaba por levar a uma desconsideração da memória e da história da cidade, principalmente dos excluídos.

Podemos observar que as discussões sobre a revitalização e a retirada de áreas de prostituição são permeadas por discursos estereotipados que visam reduzir as prostitutas e sua ocupação a imagens que não correspondem à realidade. Antes mesmo de conhecer este universo, já possuímos idéias sobre o que vamos encontrar. Estas representações sociais são formas de interpretar o real e que nos levam a agir de forma diferente frente a este (Oliveira & Werba, 2008). Acreditamos que são mulheres sofredoras, pois se vendem e se submetem aos homens, ou pervertidas, por irem contra os valores de família e de mulher, e que devem ser ajudadas ou resgatadas. Criamos ainda imagens sobre quem são as mulheres que lá se encontram, lindas, jovens, sensuais, vulgares, perdidas, sofridas. Parece que tentamos entender o que as leva a essa ocupação (vulgares, perdidas) e o que faz com que os homens as procurem (lindas, jovens). Imaginamos também os homens que as procuram, depravados, sedentos por sexo. Estas visões podem ser consideradas ideológicas (Guareschi, 2008), por não condizerem com a realidade e por criar relações assimétricas, desiguais, uma vez que acabam privando as prostitutas do acesso a direitos.

A visão da prostituição está sempre permeada por estas imagens incorretas e que produzem discriminação, violência e desigualdade. Uma das principais formas que esta questão se coloca é pela discussão da prostituição como um trabalho ou como forma de exploração. Para Juliano (2004), a discussão de se a prostituição deve ser considerada um trabalho é uma forma de desvalorização das prostitutas. A valorização nas sociedades laicas atuais é relacionada à condição de trabalhador/a, sendo que aqueles não considerados trabalhadores são vistos como “vagabundos” ou “preguiçosos”, no caso das prostitutas são consideradas “mulheres de vida fácil”. Negar a indivíduos sua condição de trabalhadores implica a redução de suas possibilidades de inserção na sociedade como



sujeitos plenos de direitos. Neste sentido, Doezema (1998) considera que a distinção entre trabalho voluntário e forçado foi subvertida como forma de justificar a negação dos direitos humanos das prostitutas. A autora afirma que há uma tendência a condenar a prostituição forçada ao invés de promover direitos humanos à livre, sendo mais fácil obter suporte para as vítimas dos traficantes do que buscar a mudança de estruturas que violam os direitos humanos.

Wijers (2004) afirma que o objetivo do modelo laboral, que vê a prostituição como um trabalho, é que esta não deveria possuir leis específicas, mas ser regulamentada pela legislação laboral e civil comuns às demais categorias profissionais. Profissionais do sexo devem ser reconhecidas como trabalhadoras e ser buscadas melhorias em suas condições de trabalho. Bindman (2004) aponta alguns problemas encontrados por profissionais do sexo em sua atividade, como os longos horários, o trabalho noturno, a falta de segurança e a exploração por parte dos empresários, mostrando como poderiam ser regulados por mecanismos vigentes e utilizados para outras ocupações. Contudo, o forte estigma relacionado à prostituição, o *status* ilegal das atividades relacionadas a ela e sua exclusão de proteções sociais que habitualmente são oferecidas a outras profissões implicam numa maior vulnerabilidade à violação de direitos. Dessa forma, as prostitutas muitas vezes não se vêem como merecedoras de direitos e, quando algumas poucas solicitam o amparo da lei, não o obtêm, uma vez que há forte preconceito policial e judicial (Bindman, 2004).

A visão de que a prostituição é uma forma de exploração e que as mulheres têm que ser de alguma forma resgatadas tem como consequência uma desvalorização da sua atividade, ignorando que há um saber fazer próprio da ocupação. Uma de nossas entrevistadas relatou que com frequência são dados cursos de computação ou de arte, mas não cursos úteis à sua atividade. Afirma que as pessoas acham que prostituição é uma forma obter recursos financeiros e que qualquer um pode trabalhar com isso, mas, na verdade, existem inúmeros “truques” que precisam ser aprendidos para se tornar uma boa prostituta e ganhar dinheiro.

*Rosa: No trabalho assim de auto-estima, a pessoa aprender a se prostituir, porque prostituição é igual vendedor, a pessoa desempregou quer virar vendedor, você já reparou? Pessoa cisma assim, “Ah, vou ganhar dinheiro lá pra zona”. Não é assim, tudo tem truque, você não vai chegar pra lá e ganhar não, a não ser que você chegue muito bem de frente, pra chegar e ganhar, né? [...] Truque de*

*prostituição minha filha, se você quiser saber, você pode me perguntar, porque eu tenho é ó! Eu tenho é muito.*

Outra consequência desta visão de que a prostituição é apenas uma forma de exploração é a constante idéia de que estas mulheres têm que ser salvas e que sempre devem querer “mudar de vida”. Contudo, essa visão ignora que a prostituição, como inúmeras outras atividades laborais, se coloca como fonte de sofrimento e opressão, mas também de realização e prazer. Em relação ao sofrimento, destacam o fato de ter que fazer sexo com pessoas que não gostam, que estão bêbadas ou drogadas. Ao mesmo tempo, afirmam que, em geral, conseguem recusar os clientes ou práticas que não querem, o que possibilita minimizar esse aspecto negativo. Esse ponto é fundamental por indicar uma possibilidade de inversão das hierarquias sociais, em que as prostitutas conseguem se colocar numa posição mais autônoma e não apenas se ver obrigadas a agir segundo a vontade dos outros.

Sobre a realização no trabalho, muitas das nossas entrevistadas destacam a questão do contato com diferentes pessoas e o aprendizado, tanto relativo à sexualidade quanto a outras questões, como o conhecimento de diferentes profissões. Muitas associam seu trabalho ao de uma psicóloga, pois, após a conversa com elas, os clientes saem de lá se sentindo melhor.

*Cleusy: Você conhece muita gente, né? Você fica conhecendo a vida, e cada história que o cliente conta pra gente, cada coisa que você fica sabendo, conhece muita gente. Eu gosto, não tenho do que reclamar não. É, muita história que eles contam, eles saem daqui melhor, porque eu também converso muito com eles. Ou então costuma entrar e pedir o dinheiro e sair. Eu gosto. Eles costumam até falar “Gostei demais de você, vou te pagar até mais”, e tal, ou dizer “Tchau, obrigado, gostei de você, depois eu volto”, e então é isso. Essa satisfação que a gente sente.*

Outro ponto que é frequentemente desconsiderado quando se discute a questão da exploração em relação à prostituição é que esta atividade muitas vezes é uma opção de trabalho mais flexível, mais bem remunerada e com jornada de trabalho mais curta do que outras atividades (Lim, 2004). Suas bases são sólidas e propiciam lucros não só para as prostitutas e para suas famílias, mas para os inúmeros envolvidos na atividade, por vezes bastante organizada, sofisticada e diversificada. Como qualquer trabalho, gera lucro e emprego, mas acaba por não permitir o

acesso a direitos, devido a avaliações feitas por critérios morais, sociais ou econômicos (Lim, 2004). Vale ressaltar que, para muitas mulheres pobres e com poucos estudos no Brasil, o leque de opções se torna bastante restrito.

**Cláudia:** *Eu fico olhando colegas minhas de 60 anos sem ter nada e se os hotéis fecharem elas tão na rua, tão debaixo da ponte. Por que além de não ter estudo, quem vai aceitar ou arrumar um emprego pra alguém com 60 anos? Não tem. No nosso Brasil não existe. A não ser que vá arrumar alguma coisa na rua. Aí eu observando isso, eu não sirvo pra trabalhar no pesado, pra trabalhar sendo doméstica. Aí eu falei “a única opção...” Por que eu não sirvo, por que eu não gosto. De trabalhar pros outros? Trabalhar no pesado? Sendo doméstica? Não. Pelo amor de Deus. Melhor ser prostituta até morrer. Claro! Empregada doméstica não tem um pingão de valor. patroa que só quer saber do seu trabalho. Se você ficar doente você perdeu ali... Por que empregada doméstica não faz o serviço se ficar doente. Não pode. E poucos direito que as empregadas domésticas tem, né? Você dá, dá, dá duro, e não tem um pingão de valor. Há quem acha isso bom, mas quem tiver cabeça, até que é bom dar uma sacudida, que a gente trabalha por conta própria, né? É um pouco explorada pelo preço da diária, mas, pelo menos ninguém tá mandando na gente. A gente faz o que a gente quer, né? Vem trabalhar o dia que quer também, né?*

A contradição entre os aspectos positivos e negativos levam ao fato de que muitas mulheres afirmam querer sair da prostituição, mas continuam fazendo programas de vez em quando. Este fato está relacionado também à questão da sexualidade de forma que algumas afirmam que a zona é o lugar em que têm prazer sexual. Contudo, outras dizem querer “mudar de vida” deixando completamente de se prostituir. Essas contradições muitas vezes são influenciadas também pelos ambientes e para quais interlocutores as afirmações são feitas, de forma que uma mesma mulher pode afirmar em uma instituição que tem vontade de sair da prostituição e em outra que gosta da sua atividade. Apesar disso, principalmente pela quantidade de relatos de prazer na ocupação que colhemos durante as entrevistas, consideramos que há, em alguns casos, uma vontade de permanecer nessa ocupação.

**Carla:** *Olha, aí é complicado, por que as três faixa salariais baseiam mais ou menos a mesma coisa, eu faço atividades que eu gosto, tudo bem. Então se eu estiver fazendo as três eu me sinto bem, e se eu não estiver fazendo as três, pra mim fica faltando.*

**Cleusy:** *Eu só tô nessa posição pra sustentar meus filhos, porque eu preciso. Pra não deixar faltar as coisas pra eles. Pra mim também. Manter minha família. Se eu arrumar alguma coisa pra fazer pra sustentar meus filhos, eu saio daqui sim. Como já sai muitas vezes. Se tiver que voltar eu volto também. [...] Mais é financeiro. Eu gosto daqui... A gente diverte. A gente não ganha dinheiro, mas a gente diverte também. Tem as amigas, tem o cliente, tal coisa. As meninas contam... Uma chega e fala isso, fala aquilo... O cliente chega e pergunta quanto que é e você fala tanto, e ele só tem tanto, aí você ri da cara dele. Essas coisas bestas assim. Mas se eu tiver oportunidade de parar... de vir... Não que eu vou deixar de vir...*

Apesar de algumas mulheres afirmarem que gostam do que fazem e que não sentem vergonha, o grande preconceito associado à prostituição e a possível reação das pessoas fazem com que muitas não tornem pública sua ocupação.

**Carla:** *Eu tenho que trabalhar o espírito de cada um para que ele venha a entender. Então tem que saber passar isso para a pessoa sem às vezes intimidar a pessoa, sem agressão, pra ela saber entender e separar as coisas, se não... [...] [Meus filhos não sabem] Por que meus filhos eu acho que tem que respeitar. Então muita gente, muitas meninas falam com os filhos e tal, mas eu acho que isso aí futuramente abrange um pouco de abatimento. Então seria, eu acho assim, coisa lá de fora, irregular, você deixa lá fora, e dentro de casa você tem que ter outro comportamento. Por que é um comportamento de respeito, e a partir do momento que eu não der respeito, eles não vão me dar respeito. É essa a questão. Se não vai virar bagunça. O que eu tenho que saber é trabalhar a cabeça deles para que eles possam entender isso claramente. Pra não ter essa guerra dentro de casa. Aí você tem esse trabalho e tal, aí você tem que saber como levar isso pra dentro de casa. Não é chegar falando “Ah, eu sou profissional do sexo”. Até por que depois eles falam isso inocentemente com os amigos e os amigos já começam a levar pro lado errado. E adolescente você já viu como é que é. [...] Eu vejo televisão, vejo reportagem, eles já vêm, eles já falam, ficam perguntando. Aí eu falo: “Ó, gente, não pode fazer violência contra a mulher”. Eu falo com o meu menino, falo com a minha menina. “Olha, a gente tem que respeitar mesmo sendo o que é que a pessoa é, vocês nunca podem criticar, vocês podem ter as suas profissões, embora vocês não aceitem pra vocês, vocês têm que respeitar isso no outro.” Então assim, são detalhes que a gente vai colocando na cabeça do adolescente, entendeu? Eu acho que todo mundo deveria fazer isso dentro de casa, começar a criar essa construção, de profissões...*

O preconceito e as idéias errôneas sobre a prostituição têm como consequência ainda a violência e as formas de lidar com esta. No caso da Avenida Afonso Pena, nos chamou a atenção a quantidade de relatos de agressões por parte de transeuntes, que passam de carro xingando-as e jogando ovos, lixo ou outras coisas. Uma mulher chegou a relatar que foi estuprada por um “cliente” e que quando foi prestar queixa, o policial disse: “É isso mesmo que vocês estão caçando, entrando no carro de qualquer um”. A prostituta falou que não adiantava nada, ela entrou no carro porque quis. Disse que todos acham que porque é prostituta “pode descer o porrete”. Ouvimos relatos semelhantes em outras cidades em que prostitutas afirmavam não conseguir prestar queixa em caso de estupro e agressão e que ainda era lhes dito que mereciam. Em uma ocasião, uma prostituta que trabalhava em um hotel foi assassinada por um cliente e a ausência de divulgação do fato na mídia e a postura da dona do hotel, que impediu que arrombassem a porta para acudir a mulher, incomodou bastante as mulheres. Uma delas chegou a afirmar que isso prova que “as prostitutas não valem nada, valem menos do que uma porta”. Várias afirmaram que deveriam fazer algum tipo de manifestação. Apesar disso, algumas diziam ser contra, pelo fato de não querer que a família descobrisse sua ocupação. Havia ainda o argumento de que a prostituta deveria ter feito algo errado para ter sido assassinada, pois ninguém mata “do nada”. É importante perceber que muitas se consideram merecedoras de violência e preconceito devido à sua ocupação.

Os casos de agressão são constantes e muitas vezes nada é feito para minimizar ou resolver essa situação. Algumas consideram mais seguro trabalhar no hotel do que na rua, mas em muitos casos são elas mesmas que têm que se unir para ajudar uma prostituta que está sendo agredida, não recebendo apoio dos seguranças e gerentes.

*Cleusy: Ah, nós batemos no homem, uai. Nossa! Saímos batendo, o gerente deixa, despista e finge que não está vendo, chama a polícia. Eu mesmo sou terrível para bater nos homens, isso nunca aconteceu comigo [agressão física], acontece com as mulheres e eu acabo batendo nos homens por causa das mulheres.*

Apesar dos casos de violência física, várias relatam que a principal violência que sofrem é a discriminação. Em uma reunião que fizemos, as presentes destacaram que as pessoas que as discriminam são principalmente: donos de hotel

(humilham mulheres que não ganham o suficiente para pagar a diária), outras mulheres (que acham que prostituta é apenas a mulher que “deita”), outras prostitutas (principalmente pela questão da idade), família (não aceita o trabalho), a própria prostituta (não fala que é prostituta, não se assume, tem preconceito). Chamou a atenção nessa reunião o fato de não terem citado os clientes, e o enfoque que deram à discriminação e não à violência física e a visão que têm de que elas mesmas se discriminam e não se aceitam. Algumas parecem ver menos problemas no trabalho em si do que na forma como este é avaliado pelas demais pessoas, como os homens e vizinhos. Um dos principais pontos destacado pelas mulheres é que muitas pessoas não entendem que a prostituição é uma ocupação e não o único aspecto definidor de sua identidade. É destacado ainda como esse preconceito afeta a percepção de si que as mulheres têm, se vendo de uma forma muito negativa.

*Carla: Esse trabalho tem uma coisa que de ruim, por que às vezes as pessoas costumam ser agredidas, as meninas de programa, às vezes, pouco pelos clientes e mais pela população, que não entende esta questão. Agredem verbalmente, entendeu? Eles não agredem fisicamente, por que até dá processo, mas assim, verbalmente demais. [...] Tem que ter muito peito. Por que ta em disputa ali a sua fisionomia moral, as críticas, né, de vizinhança e aquela falta de respeito da população que acha que... não sabe separar, por exemplo, você sabe que se eu for parar na porta do seu trabalho, tá? E tem a sua casa. Ai, acabou o trabalho. O que eles não entendem é isso, se acabou lá, se deu dez horas, o meu horário encerrou. Eu não fico... Se o cara passa e me chama, pra mim eu não conheço ele. Se ele quiser me pegar ele tem que me ver e me pegar naquele local, ele tem que respeitar o horário do meu trabalho, eu faço isso com horários determinados. Eu não sou do tipo de pessoa que sai e vai agarrando todo mundo não, entendeu? Então a questão é essa, de respeito profissional. Que às vezes muita gente não tem.*

O presente artigo objetivou traçar um panorama da prostituição na cidade de Belo Horizonte, apontando as principais áreas, preços, práticas, atores, representações. Ao longo de toda a pesquisa, foi possível perceber como estas questões não são importantes apenas por contextualizar a prostituição, mas por interferir em questões como a formação identitária, a mobilização política, entre outras. Assim, as prostitutas que trabalham nas ruas podem se sentir menos segregadas, mas ao mesmo tempo serem muito violentadas. Já as dos hotéis ficam um pouco mais protegidas da violência, mas

podem ser consideradas mais imorais (Freitas, 1985). A configuração do espaço físico e das formas de organização da atividade interferem na forma como as mulheres se mobilizam e lutam por seus direitos. Assim, algumas mulheres dos hotéis, pela pressão de ter que pagar a diária, acabam não participando de ações coletivas, por exemplo.

É fundamental levar em conta que a visão estereotipada dessa atividade interfere na representação de si, no acesso aos direitos, na violência. Concluímos afirmando que esta caracterização e sua análise dentro de um contexto foram fundamentais à pesquisa, reduzindo a possibilidade de cairmos em armadilhas psicologizantes e nos permitindo desenvolver um olhar menos preconceituoso e estigmatizante. Contudo, devemos destacar que esta forma de ver a realidade só foi possível realizando sempre um diálogo entre situações observadas e relatos das próprias prostitutas, que foram fundamentais a este processo.

### Referências

- Bindman, J. (2004). Trabajadoras/es del sexo, condiciones laborales y derechos humanos: problemas “típicos” y protección “atípica”. In R. Osborne (Ed), *Trabajadoras del sexo: derechos, migraciones y tráfico en el siglo XXI*. (Cap. 4, pp. 99-111). Barcelona: Edicions Bellaterra.
- Blee, K & Taylor, V. (2002). Semi-structured interviewing in social movements research. In B. Klandermans & G. Staggenborg, *Methods of Social Movement Research* (Vol. 1, pp. 92-117). Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Braga, E. (2007, 4 de novembro). Zona Boêmia da Guaicurus pode perder seu espaço: prefeitura quer requalificar tradicional rua; área deve ser transformada em eixo cultural. *O tempo*. Recuperado em 28 de novembro, 2007, de [http://www.iepha.mg.gov.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=394&Itemid=156](http://www.iepha.mg.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=394&Itemid=156)
- Castro, M. (1992). Alquimia de categorias sociais na produção de sujeitos políticos. *Revista Estudos Feministas*, ano 0, 2º semestre, 57-73.
- Diário Oficial do Município de Belo Horizonte [DOM]. (2007, 19 de outubro). Prefeitura apresenta plano de reabilitação do hipercentro: projeto define diretrizes, obras e projetos sociais para melhor uso da região. *Diário Oficial do Município*. Recuperado em 30 de novembro, 2007, de <http://bh5.pbh.gov.br/dom.nsf/domgeral/3C81894938C4949083257378007A83C4?OpenDocument>.
- Doezema, J. (1998). Forced to Choose: Beyond the Voluntary v. Forced Prostitution Dichotomy. In K. Kempadoo & J. Doezema (Ed), *Global sex workers: rights, resistance, and redefinition*. (Cap. 1, pp. 34-50). New York and London: Routledge.
- Engel, M. (1989). *Meretrizes e doutores: Saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- Freitas, R. (1985). *Bordel, bordéis: negociando identidades*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Garaizabal, C. (2004). ONG y derechos humanos: la experiencia de Hetaira. In R. Osborne (Ed), *Trabajadoras del sexo: derechos, migraciones y tráfico en el siglo XXI* (Cap. 3, pp. 85-95). Barcelona: Edicions Bellaterra.
- Guareschi, P. (2008). Ideologia. In M. Strey et al. (Org.). *Psicologia social contemporânea: livro-texto* (pp. 89-103). Petrópolis: Vozes.
- Jacques, M. (2008). Identidade. In M. Strey et al. (Org.). *Psicologia social contemporânea: livro-texto* (pp. 159-167). Petrópolis: Vozes.
- Juliano, D. (2004). El peso de la discriminación debates teóricos y fundamentaciones. In R. Osborne (Ed), *Trabajadoras del sexo: derechos, migraciones y tráfico en el siglo XXI*. (Cap. 1, pp. 43-55). Barcelona: Edicions Bellaterra.
- Kempadoo, K. (1998). Introduction: globalizing sex workers' rights. In K. Kempadoo & J. Doezema (Ed.), *Global sex workers: rights, resistance, and redefinition*. (Cap. 1, pp. 1-28). New York and London: Routledge.
- Lim, L. (2004). El sector del sexo: la contribución económica de una industria. In R. Osborne (Ed.), *Trabajadoras del sexo: derechos, migraciones y tráfico en el siglo XXI*. (Cap. 2, pp. 57-83). Barcelona: Edicions Bellaterra.

Barreto, L. C. & Prado, M. A. M. Identidade das prostitutas em belo horizonte: as representações, as regras e os espaços

- Maricato, E. (1996). *Metrópole na periferia do capitalismo*. São Paulo: Hucitec.
- Mayorga, C. (2007). *Otras identidades: mujeres, inmigración y prostitución*. Tesis doctoral. Universidad Complutense de Madrid, Madrid, España.
- Mendes, J. (2003). Perguntar e observar não basta, é preciso analisar: algumas reflexões metodológicas. *Oficinas on line*. Recuperado em 27 de março, 2007, de [www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/oficina.php](http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/oficina.php)
- Ministério da Saúde [MS] (2002). *Profissionais do sexo: documento referencial para ações de prevenção das DST e da AIDS*. Brasília: Ministério da Saúde.
- Ministério do Trabalho e Emprego [MTE]. (2008). *CBO (Classificação Brasileira de Ocupações) - Profissionais do sexo*. Recuperado em 10 de junho, 2008, de <http://www.mtebo.gov.br/busca/descricao.asp?codigo=5198>.
- Mouffe, C. (1988). Hegemony and new political subjects: toward a new concept of democracy. In C. Nelson & L. Grossberg (Org). *Marxism and the interpretation of culture*. Chicago: University of Illinois Press
- Nogueira, M. (2004). *Mobilidade psicossocial: a história de Nil na cidade vivida*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.
- Oliveira, F. & Werba, G. (2008). *Representações sociais*. In M. Strey et al. (Org.), *Psicologia social contemporânea: livro-texto* (pp. 104-117). Petrópolis: Vozes.
- Paixão, F. (2007, 19 de outubro). Revitalização do hipercentro prioriza pedestres: Plano lançado pela prefeitura inclui 64 ações, como ampliação de faixa exclusiva de ônibus e requalificação da Guaicurus. *O Tempo*. Recuperado em 30 de novembro, 2007, de [http://www.iepha.mg.gov.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=373&Itemid=156](http://www.iepha.mg.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=373&Itemid=156).
- Queiroz, M. (1991). Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva. São Paulo: T A Queiroz.
- Rago, M. (1985). *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar – Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e terra.
- Silva, R. & Souza, C. (2002). Múltiplas cidades: entre morros e asfaltos. In V. França (Org.). *Imagens do Brasil: modos de ver, modos de conviver*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Silva, R. (1993, dezembro). Cidade e memória. *Varia história*, n. 12, 47-57.
- Weeks, J. (1995). *Invented moralities: sexual values in an age of uncertainty*. Cambridge: Polity press.
- Wijers, M. (2004). Delincuente, vítima, mal social o mujer trabajadora: perspectivas legales sobre la prostitución. In R. Osborne (Ed.), *Trabajadoras del sexo: derechos, migraciones y tráfico en el siglo XXI* (Cap. 12, pp. 209-221). Barcelona: Edicions Bellaterra.

Categoria de contribuição: Pesquisa  
 Recebido: 05/04/10  
 Aceito: 15/09/10